



Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Educação a Distância da UFSM - EAD
Projeto Universidade Aberta do Brasil - UAB

Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação
Aplicadas à Educação

PÓLO: Agudo

DISCIPLINA: Elaboração de Artigo Científico

PROFESSOR ORIENTADOR: Doris Pires Vargas Bolzan

30/09/2009

A INFLUÊNCIA DO USO DO COMPUTADOR NO DESENVOLVIMENTO DAS
PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA DE CRIANÇAS EM CLASSE DE
ALFABETIZAÇÃO

THE INFLUENCE OF COMPUTER USE IN THE DEVELOPMENT OF PRACTICES
OF READING AND WRITING CHILDREN'S LITERACY CLASS

BOECK, Fabiane Julieta

Pedagogia – UNIFRA - Centro Universitário Franciscano

Resumo

O avanço tecnológico está cada vez mais presente em nosso cotidiano. O domínio das tecnologias de informação e comunicação pode ser indicado, como ferramenta indispensável para a plena inserção dos indivíduos em nossa sociedade. Desta forma, destaca-se a alfabetização digital como uma necessidade urgente capaz de auxiliar esta inclusão social.

Este artigo tem por objetivo levantar reflexões sobre a inserção das tecnologias de informação e de comunicação no contexto de escolarização inicial e sua relação com o processo de aquisição da leitura e escrita de crianças de seis anos. Destaca-se, portanto questões referentes às construções infantis, as primeiras descobertas, o trabalho pedagógico inovador que aperfeiçoa o processo de ensino e aprendizagem, tornando-o mais eficaz, prazeroso e principalmente competente, capaz de oferecer condições básicas de convívio em sociedade.

Palavras-chave: leitura, escrita, alfabetização, computador.

Abstract

Technological progress is increasingly present in our daily life. The field of information technology and communication can be indicated as an indispensable tool for the full inclusion of individuals in our society. Thus, we highlight the digital literacy as an urgent necessity that can help social inclusion. This article aims to raise thinking about the inclusion of information technology and communication in the context of early schooling and its relation to the acquisition of reading and writing for children six years. It highlights, therefore, issues relating to children's constructions, the first discoveries, innovative educational work that enhances the teaching and learning by making it more effective, enjoyable and above all competent, able to offer basic conditions of life in society.

Key- words: reading, writing, literacy, computer.

INTRODUÇÃO

O ser humano tem necessidade de convívio com outros seres humanos. Compreender e respeitar as diferenças são fundamentais nessa convivência. A educação é a principal forma de contribuir com o ser humano nessa sobrevivência. É a base formadora de toda e qualquer sociedade, na qual cada ser é único, pensa e age de acordo com suas concepções. É a educação que mantém viva a memória de um povo e dá condições para a sua sobrevivência.

O compromisso assumido pela escola é de extrema relevância na sociedade, tendo em vista sua responsabilidade em transmitir para as gerações mais jovens os conhecimentos socialmente construídos e reconhecidos como válidos na sociedade na qual está inserida. Nela são depositadas expectativas relacionadas à efetiva inserção dos sujeitos na sociedade em que vivem. Sociedade que exige profissionais competentes, críticos, capacitados, capazes de investigar, criar, analisar, propor mudanças, em suma o que a sociedade procura é os indivíduos em constante aperfeiçoamento. Sabendo dessa demanda da sociedade, professores têm o dever de propiciar aos seus alunos condições de aprendizagem em todos os momentos da vida escolar destes. O ponto de partida é a alfabetização, momento importante da formação escolar de uma criança.

Professores que recebem a incumbência de alfabetizar precisam estar cientes que a ela se atribuem inúmeros fatores que precisam ser levados em conta sempre, pois crianças com melhores condições financeiras têm acesso a materiais, como lápis, diversos textos, jornais, livros, listas telefônicas, ouvem e contam histórias, o que facilita a aprendizagem, e como consequência já se encontra um passo a frente em relação às hipóteses de escrita e leitura, tendo em vista que o mundo letrado é conhecido destas. Aos menos favorecidos, que não tem contato com pessoas leitoras, nem materiais afins, o processo é desigual, mas cabe ao professor conhecer e estimular seus alunos, oferecendo-lhes condições iguais e desafiadoras, tornando seu ensino comprometido e de qualidade.

Para que essa qualidade se torne cada vez mais presente é necessário que as escolas e os professores procurem conhecer a realidade dos alunos e iniciar seu trabalho a partir desta, valorizando o avanço individual de cada criança, respeitando seu ritmo, seu tempo, lembrando que a educação tem como dever preparar o cidadão para viver em sociedade, sendo capaz de observar, analisar, opinar, optar e abordar criticamente. Ao mesmo tempo em que está presente a necessidade e a importância de integrar no trabalho escolar as tecnologias, principalmente as da informação e comunicação, capacitando o indivíduo para atuar nesta nova sociedade que ora se apresenta, onde o avanço tecnológico cresce a olhos vistos e estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, pois são utilizados em todos os setores, mercados, bancos, ônibus, hospitais, entre outros.

Os meios de comunicação como televisão, rádio, celular, computador vêm influenciando no perfil das crianças, elas estão mais questionadoras, discutem assuntos e elaboram respostas pertinentes. Para algumas crianças, a escola é o primeiro espaço onde elas encontram e tem contato com essas tecnologias, daí a importância de um bom planejamento do professor ao oferecer aos alunos o ensino auxiliado pelas tecnologias, pois elas quando bem orientadas e acompanhadas geram uma gama de conhecimento sem fronteiras, contribuindo para a inclusão das mais diferentes classes de pessoas na sociedade.

Tendo em vista tais considerações este trabalho tem como foco relatar a importância da alfabetização e do planejamento adequado do professor ao assumir esta fascinante tarefa, auxiliar seus pequenos a encontrar os caminhos da leitura e escrita, objetivando refletir sobre o trabalho pedagógico auxiliado pelas tecnologias.

Tal proposição é resultante dos estudos e reflexões desenvolvidas no curso de especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação aplicadas a Educação em relação à minha prática pedagógica com crianças oriundas do primeiro ano do Ensino Fundamental, onde constatei a importância da utilização das TIC no processo ensino e aprendizagem e, principalmente, na aquisição da leitura e escrita, durante a alfabetização, pois elas oferecem uma gama de conhecimentos e oportunidades de trabalho, estimulam o pensamento, a capacidade e a criatividade, bem como o desenvolvimento de habilidades e competências diferenciadas.

Este trabalho deve ser sempre acompanhado de um bom planejamento. As novas tecnologias auxiliam a educação promovendo qualidade, onde o professor passa a ser o mediador da interação dos alunos com as tecnologias. Dessa interação, que passa a ser participativa e cooperativa, nasce a autonomia e a responsabilidade do aluno na construção do seu conhecimento.

Este processo conduziu ao aprofundamento das questões referentes à alfabetização, os níveis (hipóteses) que a criança desenvolve a importância da leitura e da escrita, o papel das novas tecnologias como aliadas e promotoras de conhecimento. As bases teóricas que fundamentam este trabalho são os estudos de MARLENE CARVALHO, 2005; SUSIE DE ARAÚJO CAMPOS, 1998; ISELDA FEIL, 1993; EMILIA FERREIRO, 1986, 1991, 1993; MARIA AUXILIADORA MATTOS PIMENTEL, 1986; MAGDA SOARES, 1998; LUCIANA DE LUCA DALLA VALLE, 2007; JOSÉ ARMANDO VALENTE, 1999).

DISCUTINDO A TEORIA

Desde os primórdios se têm notícias de que o homem realizava manuscritos para se comunicar com seus semelhantes. O ato de escrita faz parte da vida sociocultural das pessoas em diferentes espaços geográficos e épocas históricas. Pesquisas

realizadas por arqueólogos e paleólogos recuperaram a idéia de que a escrita faz parte do cotidiano da humanidade desde a antiguidade. Os resultados das investigações em sítios arqueológicos demonstram figuras, tipos de letras e números, enfim diversas formas de representação gráfica, utilizados pelos povos com objetivo de se comunicar, sendo que não havia instrumentos para a realização dos registros, esses achados encontram-se, em sua maioria nas laterais de grutas. Esse fato comprova que em qualquer tempo e lugar as pessoas registram suas opiniões, idéias, necessidades, comprovações, enfim seus sentimentos.

Em uma realidade grafocêntrica na qual vivemos atualmente, escrever é considerado indispensável e necessário aos indivíduos, constituindo-se por isso peça importantíssima na formação. Escrever é uma forma de se relacionar com o mundo. Ao deparar-se com a escrita, os indivíduos são tocados, podendo experimentar, reinventar, analisar, comparar, criar.

Deste modo, pensar sobre a trajetória da alfabetização demanda reflexões sobre o que a criança necessita para ser considerada alfabetizada. Durante algum tempo se pensou que era alfabetizado quem sabia ler e escrever. No geral a maioria das pessoas ainda pensa assim. O mundo hoje é caracterizado por intensas transformações, e isso não é mais suficiente. A sociedade contemporânea exige que uma criança alfabetizada seja capaz de escrever, ler e interpretar, ou seja, que ela possa entender analisar e opinar sobre o assunto, utilizando a linguagem escrita como forma de comunicação, promovendo a vida em sociedade. É o que nos coloca Soares (1998, p.20):

Só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder as exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente.

Estudos apontam que a alfabetização sempre foi discutida do ponto de vista de “como ensinar”, criando paradigmas em relação a esta, sobre como os professores deveriam agir, qual metodologia utilizar para proporcionar as crianças o ensino da leitura e escrita. Os estudos de Ferreiro e Teberosky (1986) mudaram o foco em questão, abordando o processo de alfabetização sob o ponto de vista do sujeito que

aprende. Em suas pesquisas destacam as hipóteses elaboradas pelas crianças em seu processo de aprendizagem da leitura e da escrita voltando sua atenção ao ser que aprende e não ao ser que ensina.

Ferreiro (1993) contribuiu gigantescamente para a compreensão da alfabetização ao descobrir que as crianças passam por níveis conceituais, viabilizando o entendimento de como se processa a alfabetização nas crianças, oferecendo instrumentos capazes de favorecer a atuação do educador.

Segundo essas autoras as hipóteses elaboradas pelas crianças são as seguintes:

1º NÍVEL: PRÉ-SILÁBICO I

Neste nível a escrita da criança não faz a correspondência entre a grafia e o som. A criança registra garatujas (esse termo se refere aos primeiros rabiscos infantis), desenhos sem configuração e, mais tarde, desenhos com configuração.

Neste nível o aluno pensa que escreve com desenhos. As letras não querem dizer nada para ele. A professora pede para que ele escreva “bola”, por exemplo, e ele desenha bola. A leitura é sempre global: correspondência do todo sonoro com o todo gráfico. A leitura do nome também é global, sem buscar correspondência entre as partes. A criança pensa que, quando alguém lê, lê as figuras.

Exemplos de escrita do nível pré-silábico I:



(casa)



(uva)



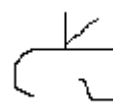
(chave)



(boneca)



(carro)



(sapato)


Neste nível, as crianças não fazem distinção entre “desenhar” e escrever.

2º NÍVEL: PRÉ-SILÁBICO II

O aluno já sabe que não se escreve com desenhos. Ele já usa letras ou, se não conhece nenhuma, usa algum tipo de sinal ou rabisco que lembre letras. Nesse nível o aluno ainda não reconhece que as letras possam ter qualquer relação com os sons da fala. Ele só sabe que se escreve com símbolos, mas não relaciona esses símbolos com a língua oral. Elabora hipóteses para a construção de suas escritas pressupondo que coisas grandes devem ter nomes com muitas letras e coisas pequenas devem ter nomes com poucas letras. Ou ainda, para que uma escrita possa ser lida deve ter um determinado número de grafias (que gira em torno de três) bem como variedade de grafias, ou seja, uma produção escrita que apresente poucas letras e grafias repetidas “não é palavra, é pura letra”.

A criança apresenta uma leitura global, sem correspondência entre as partes sonoras e gráficas. Cada letra vale como parte de um todo e não tem valor em si mesmo.

Exemplos de escrita do nível pré-silábico II:

 (urso)

 (cavalo)

NIEB (casa)

EiLA (telefone)

LiAOA (televisão)

iAOA (rádio)

NCADX (pato)

3º NÍVEL: SILÁBICO

Neste nível a criança passa a fazer tentativas no sentido de atribuir um “valor sonoro a cada uma das letras que compõem a escrita.” Ao descobrir que a escrita representa a fala, ela formula a “hipótese silábica”, esta representa a maior

importância evolutiva para a aprendizagem da leitura e escrita. Quando o aluno descobre que as letras representam os sons da fala, dá um salto qualitativo em relação aos níveis precedentes, mas inicialmente pensa que cada letra é uma sílaba oral. Se alguém lhe pergunta quantas letras é preciso para escrever “cabeça”, por exemplo, ele repete a palavra para si mesmo, contando as sílabas orais e responde: três; uma para “ca”, uma para “be”, e uma para “ça”.

Na leitura, a criança tenta passar da correspondência global para a correspondência termo a termo, isto é, do todo para as partes da expressão oral (recorte silábico do nome).

Exemplos de escrita do nível silábico:

Diagram illustrating the syllabic level of writing. On the left, the letters 'L' and 'M' are shown above the syllables 'CA' and 'SA', with brackets indicating that each letter corresponds to a syllable. On the right, the letters 'C', 'M', and 'T' are shown above the syllables 'ME', 'NI', and 'NO', with brackets indicating that each letter corresponds to a syllable.

4º NÍVEL: SILÁBICO-ALFABÉTICO

Caracteriza-se por um nível intermediário, na escrita de palavras que a criança ainda não sabe, ela escreve, ora silabicamente, ora alfabeticamente. A criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá além da sílaba. Ao descobrir que o esquema de uma letra por sílaba não funciona, a criança procura acrescentar letras à escrita da fase anterior.

Começa então a grafar algumas sílabas completas, e outras incompletas (ainda representadas por uma só letra). Geralmente, as sílabas completas são a primeira ou a última da palavra (mescla de duas concepções - silábico e silábico-alfabético.).

Esta fase pode caracterizar a omissão de letras pela criança, mas na verdade ela está acrescentando letras à sua escrita. Trata-se de uma progressão e não retrocesso. Nessa fase é muito importante o trabalho com letras e sílabas móveis nos jogos e atividades.

Exemplos de escrita do nível silábico-alfabético:

GAIA (galinha)

CAOO (cachorro)

FUTEBO (futebol)

VOVO (vovô)

CAMIÃ (caminhão)

GACARE (jacaré)

ELEVIZÃO (televisão)

AGORA (agora)

5º NÍVEL: ALFABÉTICO

O aluno compreendeu como se escreve usando as letras do alfabeto. Descobriu que cada letra significa um som da fala e que é preciso juntá-las de um jeito que formem sílabas de uma palavra de nossa fala. A criança agora consegue ler e expressar graficamente o que pensa ou fala. Porém escreve foneticamente (ou seja, faz a relação entre o som e a letra): ainda não consegue escrever ortograficamente. Por isso são comuns palavras escritas com pequenos “erros”, trocas ou omissões de letras, como *ipopótamo* (sem o h).

A criança já lê alfabeticamente. A escrita e a leitura do nome próprio operam sobre os princípios alfabéticos, aparecendo, no entanto, problemas ortográficos. A leitura de partes do nome já não oferece nenhuma dificuldade.

Exemplos de escrita do nível alfabético:

PEICHE (peixe – dificuldade ortográfica não superada)

CASA

ELEFANTE

GIRAFÁ

BONÉ

CAXORRO (cachorro - dificuldade ortográfica não superada).

É imprescindível destacar que a criança não tem uma idade cronológica padrão para atingir esses níveis de alfabetização. Inúmeros fatores contribuem para a concretização: a realidade em que a criança está inserida, o contato com práticas de leitura e de escrita, fatores psicológicos, maturidade, entre outros.

Segundo Ferreiro (1993, p. 23):

As crianças que crescem em famílias onde existem pessoas alfabetizadas e onde ler e escrever são atividades cotidianas, recebem esta informação através da participação em atos sociais onde a língua escrita cumpre funções precisas. Por exemplo, a mãe escreve lista de compras de mercado, a qual leva consigo e a examina antes de terminar de fazer suas compras; sem querer esta transmitindo informações sobre uma das funções da língua escrita. Quando recebe um recado, convite, bilhete ou carta, certamente será lido por alguém da família e essa leitura está transmitindo informações sobre algo que não sabíamos antes de ler e sem querer transmite-se a informação sobre outra função da língua escrita. Essas informações que as crianças recebem em seus lares quotidianamente, não são acessíveis para um número muito grande de crianças que crescem em seus lares com níveis de alfabetização muito baixos. Muitas escolas têm ocultado essa informação e, ao fazê-lo, discriminam apresentando a escrita como “objeto em si” algo importante dentro da escola, já que regula a promoção para o ano escolar seguinte, e também, muito importante “para quando crescer”, sem que se saiba na realidade de que maneira esse “saber fazer” estará ligado à vida adulta, seu prestígio social, condições de trabalho, acesso a mundos desconhecidos.

Por esses motivos o professor precisa conhecer seu aluno, sua história de vida, o meio em que vive e a família. Com estas informações e conhecimentos, ele terá uma visão mais ampla das reais necessidades dos alunos, de como cada um constrói sua aprendizagem de leitura e escrita o que viabilizará a proposição de atividades que venham de encontro com seu objetivo.

Todavia temos um impasse muito grande em relação à dificuldade para encontrar professores capacitados para atuar em classes onde se tem o objetivo de ensinar as crianças o maravilhoso ato de escrever. Como diz Feil (1993, p.15):

A maior dificuldade é encontrar o professor para a primeira série. Ninguém quer. E, na maioria das escolas, a escolha é feita por antiguidade. Geralmente a primeira série é destinada para o professor mais novo na Escola, mesmo não gostando e não tendo condições.

É fundamental destacar que os sujeitos que ingressam na profissão muitas vezes não estão preparados para enfrentar tal desafio. Em geral necessitam de um

acompanhamento para produzirem um bom planejamento. De acordo com Feil (1993, p. 15):

Este professor inicia seu trabalho sem ter um método definitivo, sem estar instrumentalizado para a tarefa tão complexa. Não tem conhecimento das etapas e as fases evolutivas da aprendizagem; da clientela escolar em que irá atuar (linguagem, situação sócio-econômica...), ficando insensível às expectativas dos alunos de modo que certamente dificultará a interação professor-aluno.

Logo, o processo educativo não se limita a repassar informações ou apontar caminhos, implica promover a tomada de consciência de si mesmo, do outro e da sociedade; a aceitar-se como pessoa e membro da sociedade e aceitar os outros, oferecendo várias ferramentas para que os sujeitos possam escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores e sua visão de mundo.

É importante perceber que o processo de aprendizagem é muito complexo porque nele implicam não só a capacidade intelectual, mas também fatores de ordem social, emocional, perceptual, física e psicológica. (Feil, 1993 p.16). Desta forma, os professores têm a sua frente compromissos complexos, em relação à educação, que hoje já não é buscada apenas nas escolas, ela não é mais a única fonte de conhecimento. Com a era digital os alunos buscam informações, novidades, notícias, tudo através de pesquisas no computador. De posse dessas novas formas de adquirir o aprendizado, o aluno vai para a escola e as expõem aos demais. Momento em que é muito importante o professor estar apto, reconhecer, saber utilizar e, principalmente, planejar suas aulas auxiliadas pelas tecnologias, levando assim o mundo real para a sala de aula.

Sabe-se que a sociedade vem sofrendo um acelerado desenvolvimento tecnológico. As tecnologias da informação e comunicação (TIC) estão mais presentes no âmbito profissional das pessoas, tornando-se necessárias para garantir a qualidade, a competitividade e a produtividade dos trabalhadores no mercado.

No entanto, as tecnologias também atingiram os demais setores de nossas vidas: em casa, na escola, no estudo. Há algum tempo a informática passou a fazer parte da vida diária das pessoas, no mercado, na farmácia, no banco, nos correios, em

qualquer lugar que se vá existem computadores auxiliando nos trabalhos. Com isso foi preciso repensar os processos de ensino e de aprendizagem.

As tecnologias estão presentes e disponíveis nas escolas, sua importância e auxílio no planejamento de aulas cada vez mais interessantes para os alunos são claros. Os professores necessitam procurar capacitação se não o tem e iniciar seu uso, observando sempre nos conteúdos trabalhados o aspecto pedagógico o qual não deve ser esquecido, bem como o aspecto técnico, sendo que ambos devem oferecer suporte entre si. Pois, como nos afirma Valente (1991, p.116):

O uso da informática em educação não significa a soma de informática e educação, mas a integração dessas duas áreas. Para haver integração, é necessário que haja domínio dos assuntos que estão sendo integrados.

Cabe ressaltar a importância do bom planejamento por parte do professor para que o uso das tecnologias resulte em qualidade na educação. A utilização dos meios de tecnologia nas escolas tem aspecto positivo, quando bem elaborado, planejado e aplicado. Segundo Ferreira e Rosa (1998 apud CAMPOS 1998, p. 06) em sua participação no Fórum de Informática via internet:

(...) o valor da presença do computador na escola depende fundamentalmente de sua forma de utilização. Ele pode servir ao velho e falido sistema de educação, "programando" o aluno para dar respostas estereotipadas; pode ser usado apenas para treinar alunos na utilização de programas atualmente exigidos no mercado de trabalho, que, em algum tempo, provavelmente serão bem diferentes; mas também pode ser uma ferramenta preciosa nas mãos do estudante para que ele aprenda a aprender.

Preparar uma aula utilizando recursos tecnológicos requer organização do ambiente tecnológico a ser usado, bem como do material a ser explorado. No que se refere ao ambiente tecnológico, por ser uma fonte de pesquisa e interatividade, que permite estudos individuais ou trocas de conhecimentos com os colegas, necessitando estar adequado ao número de alunos, disponibilizado acesso a todos, planejamento prévio do professor das atividades a serem trabalhadas, uma avaliação dos objetivos propostos, se foram alcançados ou não, enfim oferecer aos alunos o máximo de oportunidades disponíveis para compreensão e aquisição do conhecimento. Quanto ao material a ser explorado, como jogos educativos, pesquisa dos mais diversos assuntos, textos, histórias, cálculos, jogos de descontração é importante que o

professor procure verificar anteriormente o conteúdo dos mesmos, tendo ciência do objetivo que pretende alcançar, levando sempre em conta os conhecimentos prévios dos alunos, quanto ao manuseio dos recursos, o domínio e o preparo do professor em relação aos meios, a seleção dos programas de acordo com a clientela, ou seja, a adequação dos mesmos a faixa etária dos alunos e, principalmente, cumprir os objetivos propostos pelas disciplinas.

O professor mediador, comprometido com a educação aliado as tecnologias, será capaz de promover mudanças na educação. A geração atual tem presente desde seu nascimento à influência dessas tecnologias e a vê como algo extraordinário, natural, então cabe a nós educadores fazer uso das mesmas com responsabilidade, promovendo educação com mais qualidade.

CONCLUSÃO

Educar é tarefa nobre, alfabetizar é tarefa mágica. Quando a criança descobre as letras, sílabas, palavras, frases, textos, leitura, vai desabrochando para um novo universo, o letrado. Descobre que pode registrar tudo o que sonha, fala, experimenta para que as outras pessoas leiam. Os professores mediadores da aprendizagem necessitam estar cientes da importância deste maravilhoso momento. Precisam ser comprometidos e responsáveis, oferecendo inúmeras oportunidades de aprendizagem, apoiados, inclusive pelas tecnologias.

Com a presença constante das tecnologias, tanto no âmbito social como no educacional, nós, educadores temos o dever de nos preparar e preparar nossos alunos para transformá-las em aliadas da educação, como enriquecedoras dos ambientes de aprendizagem. Lembrando que alfabetizamos também para auxiliar as crianças a desfrutarem de sua cidadania.

As tecnologias contribuem se bem empregadas, na aprendizagem das crianças, pois oferecem inúmeras oportunidades de adquirir conhecimento. A gama de informações ofertadas e transmitidas por elas é ampla. Cabe ao professor selecionar, adaptar e ofertar aos alunos a integração destas ao processo educacional, com objetivos claros e bom planejamento. Nessa perspectiva, o

professor propõe desafios, cria ambientes de aprendizagem diferenciados com explorações que conduzem à descoberta, promovendo a construção do conhecimento, apoiado pelas tecnologias.

A maioria dos nossos alunos tem acesso às tecnologias antes mesmo de ingressar na escola, descobrem o quão é maravilhoso e amplo a oferta de instrumentos capazes de auxiliar na aprendizagem. A criança que teve oportunidade de conviver com esse mundo digital ou mesmo com outros materiais, como livros, revistas, jornais, que presenciou os pais em momentos de leitura e escrita, tem mais facilidade de adquirir conhecimentos na escola, desenvolve assim gosto e significado pela aprendizagem.

Em contrapartida, temos em nossas salas heterogêneas, aqueles alunos que nunca viram um livro, um lápis, os pais lendo ou escrevendo e, muito menos, um computador. Na escola ela tem a oportunidade de presenciar esta realidade e cabe ao professor instigar, aguçar seu interesse, incentivando-a a descobrir esse fascinante universo, capaz de nos oferecer inúmeras oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

A educação, através da escola é o elo mais importante de encontro entre a aprendizagem e as tecnologias. O professor precisa ter em mente que educar é estar atento mais as possibilidades que os alunos nos demonstram do que aos limites que apresentam. Professor utilize as tecnologias no processo ensino-aprendizagem de seus alunos, mostre o caminho, que leva ao estímulo, ao desejo de aprender, de sentir, de comunicar-se, de alçar vôo para um futuro brilhante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação a Distância. **Salto para o futuro: TV e informática na Educação**. Brasília, 1998.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar – Um diálogo entre teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, 2005.

FEIL, Iselda Teresinha Sausen. **Alfabetização um desafio novo para um novo tempo**. Petrópolis: Vozes, 14ª edição, 1993.

FERREIRA, Adelir Pazetto; ROSA, Silvana Bernardes. **Espaço Multimídia na Educação Infantil: Refletindo sobre um novo espaço educativo**. Santa Catarina, 1998. Disponível em <<http://S.campos@aleph.com.br>>. Acesso em: 2 set.2009.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 7ª edição, 1991.

_____. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1993.

PIMENTEL, Maria Auxiliadora Mattos. **Alfabetização: a construção de objetos conceitual**. Educação em Revista – Revista da Faculdade de Educação – UFMG, nº03, junho/1986.

REVISTA CONTEXTO E EDUCAÇÃO – Práticas Sociais Transformadoras. Ijuí: Unijuí, ano IV, n. 14, abr./jun.1989.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Metodologia da Alfabetização**. Curitiba: IBPEX, 2007.

VALENTE, José Armando (org). **Liberando a Mente: computadores na Educação Especial**. Campinas: Gráfica Central da UNICAMP, 1991.